



Discurso Medalha de Honra UFMG

15 de setembro de 2008

Eu gostaria de começar por onde todos os assuntos do mundo público tiveram seu começo. Para os gregos da Grécia Arcaica a mais dolorosa das experiências é o esquecimento. Irmão da morte e do sono, os gregos mencionavam o esquecimento como a verdadeira morte; ele é o portador do silêncio, da indiferença e da obscuridade. Para que o nome de um homem de bem, de um *homem de coração* não viesse a fenecer e a cidade soubesse explicar a todos os seus habitantes as virtudes de que esse homem era portador, os gregos criaram um gênero de discurso: o elogio. O elogio diz da arte de mostrar, de fazer mostra ou ostentação na cena pública. E o que o elogio mostra ou ostenta é o feito e a grandeza de uma maneira de ser. O elogio tem, portanto, por particularidade o fato de ser um gênero profundamente ético já que ele se atribuiu como tarefa a dicção da excelência e do valor.

Essa tarefa fez do elogio um gênero político por excelência. Ele se baseia no julgamento de um valor; pode propagar, reforçar, injetar, modificar ou até mesmo criar um valor. Mas em qualquer dos casos é preciso que o valor esteja enraizado na linguagem comum da comunidade, que a palavra circule e os homens partilhem da evidência desse valor. São, portanto, valores profundamente vinculados à vida ativa da comunidade e, por essa razão, o homem a quem se elogia é sempre aquele que se dispôs a fazer com excelência, manuseando seus talentos e habilidades, atos que servem à comunidade, que contribuem para realização plena de suas potencialidades, que alimentam em cada um de nós a energia e a disposição para conquistar e preservar a liberdade, a soberania e o domínio de si e de seu destino.

O acolhimento dos valores que tem como direção a construção do que é público, do que é comum, firma o caráter, a maneira de ser, o *ethos* de uma comunidade. Nenhum de nós carrega sozinho a medida do mundo público, o *ethos* de sua *polis*. Mas nossa face ética é determinada pelo fato de que somos habitantes de uma comunidade; sobretudo, nossa face ética é determinada pela maneira como habitamos nossa comunidade – e a ética, todos sabemos, visa o bem agir, como a política visa o bem viver. Nessa noite, o elogio, essa espécie de canto do mundo público, refere-se precisamente à conduta de ex-alunos que entrelaçaram a realização da excelência que lhes era própria com a prática de valores que são indissociáveis do caráter, do *ethos* da UFMG. O elogio é o grande acompanhante dessa noite já que assinala tudo que é público ou susceptível de se tornar público no privado. Vale insistir: para aqueles que não estão mais vivos ele conserva uma ambição de memória e um desejo de recordação. Recordar significa chamar de volta ao coração, encerrar algo dentro do coração. Para isso serve o elogio dessa noite: chamar de volta ao coração de nossa comunidade, a lembrança desses ex-alunos cuja trajetória pública é parte da história da UFMG, uma história que nos é comum.

O primeiro deles é o escritor João Guimarães Rosa. Entre 1925 e 1930, Guimarães Rosa foi aluno da Faculdade de Medicina. O escritor, em verdade, começou a publicar tarde: Em 1946, lançou *Sagarana*, seu primeiro livro. Em 1956, apareceu *Corpo de baile* – que se subdivide em três contos



autônomos: “Manuelzão e Miguilim”; “No Urubuquaquá, no Pinhém”; “Noites do sertão” –, e seu único romance, *Grande sertão: veredas*. Em 1962, saiu *Primeiras estórias* e, em 1967, *Tutaméia*, o mesmo ano de sua morte. Em 1969, são publicados dois livros póstumos pela editora José Olympio: *Estas estórias* e *Ave palavra*. O conjunto da sua obra revela uma insubmissão do espírito cara a uma Universidade, como a UFMG, que assumiu a responsabilidade de viver no país que a criou, fez dele o seu bem maior e para ele destina o melhor de suas ações, de suas idéias, de suas obras: a obra de Guimarães Rosa mergulhou no fundo do Brasil, no instante da queda, para escutar seu lamento.

Certamente, não era preciso fazer mais do que isso. Mas entre o tanto que ele fez, talvez caiba insistir num ponto. A primeira coisa que chama a atenção quando se vai ler Guimarães Rosa é a linguagem. A fala dos seus personagens não existe: é uma fala inventada por ele, ninguém em Minas Gerais fala desse jeito. Ele misturou uma fala letrada e muito erudita com outra fala, de raiz sertaneja e temperou isso com uma série de transgressões e de inovações lingüísticas e filológicas, a mais conhecida delas ligada à criação dos neologismos chamados palavras *portmanteau*, palavras-valise – por exemplo, a “bala beijaflorou”; ela “beladormeceu”; “Nonada”.

Mas a invenção da linguagem de Guimarães Rosa tem uma dupla moldura: a famosa moldura lingüística e estilística que faz a alegria da Faculdade de Letras e uma moldura histórica e política. Penso que essa segunda moldura é importante porque permite a Guimarães Rosa fazer, pela via da linguagem, uma mediação entre duas culturas: a tradição letrada brasileira e a outra, a tradição de quem mora nos fundos da nossa República e, em geral, não costuma sobressair por deter algo; pelo contrário, essa gente só sobressai pela falta, pela privação e só costuma ser nomeada pela negativa: os excluídos, os párias, os *catrumanos* como Guimarães Rosa os nomeou, que não são apenas os sertanejos do norte de Minas Gerais, mas representam os moradores do Brasil, um “país de mil-e-tantas-misérias”. Circulam o tempo todo e por toda a sua obra transita uma procissão de depauperados e miseráveis que está sempre saindo de um sertão do tamanho do mundo a caminho das grandes cidades, cidades que simbolizam riqueza e progresso e que são, ao mesmo tempo, cidades que se transformaram em imensos formigueiros humanos, superpovoadas, inchadas – ouro e sucata do Brasil.

Pela via da linguagem é possível perceber que o pano de fundo da obra de Guimarães Rosa são os excluídos da República brasileira. Essa gente apareceu pela primeira vez na história ocidental durante a Revolução Francesa e apareceu como vítima de uma dupla injustiça – a injustiça da urgência da sobrevivência e a injustiça da vergonha da obscuridade. Pela via da linguagem, a famosa linguagem inventada por ele, essa gente, os excluídos da nossa República, tem oportunidade de usar a palavra e aceder à história. Penso que também por isso a obra de Guimarães Rosa fornece uma sensibilidade pública e oferece um guia de espírito para a UFMG. Ambos são instrumentos decisivos para uma Universidade como a nossa, capaz de compreender que, no caso do Brasil, a gramática da lei e o juízo da democracia também dependem de ações de inclusão geradas pela Universidade: o acesso dos excluídos à palavra, o acesso à educação superior ainda não se tornou elemento de cidadania e nem foi capaz de atuar como instrumento possível de ascensão social.



Mas, na noite de hoje, também é oportuno chamar de volta ao coração da UFMG a lembrança de um grupo de ex-alunos cuja trajetória pública é parte importante da história recente do país. Entre os anos de 1964 e 1985, onze jovens, estudantes e ex-alunos da UFMG, desapareceram ou foram mortos pelo regime militar brasileiro. Mais de vinte anos passados do fim da ditadura não cabe tarefa fácil a quem se dispuser a debruçar-se sobre essa história: é muito difícil reconstituir o tempo que inspirou o gesto. É preciso *calçar os sapatos do morto* para tentar compreender a trajetória desses jovens no tempo difícil que lhes foi dado viverem; as intervenções que protagonizaram no debate político de sua época com os recursos de que dispunham; a disposição de agir segundo as exigências desse tempo e não de acordo com as exigências do *nosso* tempo; a prática de cada um contaminada pelo desejo de que certas coisas apareçam no mundo de uma determinada forma.

Alguns de nossos ex-alunos se envolveram na resistência democrática; outros aderiram a um projeto revolucionário. Nos dias que correm nós somos capazes de compreender que um não traduzia necessariamente o aprofundamento do outro. E essa compreensão não é simples, nem hoje, nem naquela época. Mas, subjacente às escolhas feitas por cada um deles, nossos ex-alunos incorporaram às suas condutas valores ativos que vale a pena recordar. Vale a pena recordar, por exemplo, que nossos ex-alunos compartilhavam a crença de que felicidade pode advir da coisa pública e que a vida comum, a paixão de estar junto constituiu o solo sobre o qual erigiram sua descoberta da política. Vale a pena recordar, também, que o engate afetivo entre o gesto militante desses jovens e a mira do seu alvo era o Brasil. Uma enorme energia cívica foi mobilizada por eles através do desejo de estabelecer na nossa terra os alicerces da casa comum dos brasileiros, de acabar com a cisão entre o país dos ricos e a terra dos pobres, entre as elites sem pátria e os filhos de ninguém. É certo que havia equívoco e ingenuidade no gesto: nossos ex-alunos acreditavam que a casa estava lá; faltava construí-la. Mas é certo, também, que essa crença no país tinha tamanho sentido para eles que deram a ela o que de melhor se tem: a vida. Vale a pena recordar, ainda, uma decisão que antecede cada escolha que nossos ex-alunos fizeram quando se viram diante de um regime de tirania: nós não vamos viver desse jeito que vocês querem.

Recordar o valor não é suficiente. Para que a passagem ao público se complete, a memória se estabeleça e haja afirmação da presença é preciso recordar os nomes, signo e rastro desses ex-alunos:

Faculdade de Medicina. Curso Medicina: Ângelo Pezzuti da Silva.

Faculdade de Direito. Curso Direito: Antônio Joaquim de Souza Machado.

Faculdade de Ciências Econômicas. Curso Sociologia e Política: Carlos Alberto Soares de Freitas.

Faculdade de Ciências Econômicas. Curso Ciências Econômicas: Gildo Macedo Soares.

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Curso Psicologia: Idalísio Soares Aranha Filho.

Faculdade de Ciências Econômicas. Curso Ciências Econômicas: João Batista Franco Drumond

Faculdade de Direito. Curso Direito: José Carlos Novaes da Mata Machado

Faculdade de Ciências Econômicas. Curso Sociologia e Política: Juarez Guimarães de Brito

Faculdade de Medicina. Curso Medicina: Maria Auxiliadora Lara Barcellos.

Faculdade de Direito. Curso Direito: Orlando da Silva Rosa Bonfim Junior



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MINAS GERAIS**

Faculdade de Educação. Curso Pedagogia: Walquíria Afonso Costa.

Havia um poeta no século XVIII. Era um grande poeta, como, de certa forma, Guimarães Rosa também não deixou de ser. Um poeta que também foi estudante em Coimbra, que teve seu destino irremediavelmente atrelado ao sonho de uma Universidade nas Minas Gerais e que, quando veio para cá, ambicionou ensinar à alma de cada habitante das Minas a medida da sua rebeldia. Esse poeta dizia em um de seus versos:

“Eu tenho o coração maior do que o mundo”.

O poeta chamava-se Tomás Antônio Gonzaga. Seu verso parece intuir um pouco da descoberta do amor ao mundo, traduz os sentimentos e as emoções que ultrapassam os limites estreitos de nossa vida privada e produzem o sopro de imaginação do vivido e do que se quer viver no Brasil, tão característico da trajetória e da obra dos homenageados dessa noite. Quem sabe, então, a luta contra o esquecimento e contra a morte, luta feita de palavras e de memória, possa animar de alguma maneira, ao coração a continuar batendo. Muito obrigado.

Vice-Reitora:

Walquíria Afonso Costa